

Criador da identidade nacional

Luiz Alberto Weber

Da equipe do **Correio**

*As nações erravam em fuga e terror/
Vieste e nos encontrastes/ Eras calmo
pequeno determinado, teu gesto pa-
ralisou o medo tua voz nos consolou
(...)/ Era um dos nossos voltando à
origem/ Nossas brigas eram separa-
das/ E dos que se assustavam pendia
o punho fascinado pela força do teu
bem-querer*

São versos que Carlos Drummond de Andrade pôs nas bocas dos índios, na morte de Cândido Rondon. Hoje são versos no coração de todos aqueles a quem o antropólogo Darcy Ribeiro celebrou e amou: índios, brancos e negros — em síntese, o povo brasileiro.

Darcy está no mesmo pedestal de Gilberto Freyre (Casa Grande e Senzala) e Sérgio Buarque de Hollanda (Raízes do Brasil), inventores de um novo olhar sobre o Brasil. Poucos, como Darcy, fizeram tanto pela criação de uma identidade nacional.

“O povo brasileiro se fez a si mesmo. A Austrália eu posso explicar

pelo passado deles na Europa, assim como o Canadá e os Estados Unidos. São três povos que criaram uma paisagem européia, são países insossos, sem graça nenhuma. Agora, o nosso país é muito diferente e estamos criando um novo jeito humano. Uma categoria diferente. Nós somos a nova Roma. A Roma moderna, uma Roma melhor, porque lavada em sangue negro, lavada em sangue índio.”

CRÍTICO DOS CRÍTICOS

Darcy era um intelectual a fim deste país. Era um crítico dos críticos quando a *fracassomania* tomava conta dos pessimistas.

“Há muito tempo venho me perguntando por que o país não deu certo. Os Estados Unidos, que não tiveram a quinta parte da riqueza colonial que nós tivemos, estão à nossa frente. As causas alegadas para o fracasso são falsas. São as desculpas da classe dominante para tirar a culpa de si: o clima, a mestiçagem, a religião católica, a colonização portuguesa. Ora, quem pensa que a co-

lonização holandesa teria sido melhor nunca foi ao Suriname. Existe até quem queira atribuir nosso atraso a uma suposta juvenilidade do povo brasileiro que ainda estaria na minoridade — esses idiotas ignoram que somos cento e tantos anos mais velhos que os Estados Unidos”, respondia aos detratores.

Darcy parecia — como o escritor americano William Faulkner — não admitir o fim do homem. Negava-se, também, a se conformar com a mesmice intelectual da elite nacional. “Nossos intelectuais leram todos os filósofos, mas nunca pensaram nada com a própria cabeça”, dizia.

E atribuiu o fracasso social do país a essas elites. “O único fator causal inegável de nosso atraso é o caráter das classes dominantes brasileiras. Não há como negar que a culpa do atraso nos cabe, aos ricos, aos brancos, aos educados, que impusemos, desde sempre, ao Brasil, a hegemonia de uma elite retrógrada que só atua em seu próprio benefício.”

A cabeça de Darcy era um tornado. E, por isso, muito do que escre-

veu não deve ser confrontado com as idéias do próprio Darcy.

Em seu livro *O Mulo*, ele se refere ofensivamente às pessoas da raça de cor negra (“Essa gente é de cabeça miúda mesmo. Não posso é com preto metido... negro tem que saber seu lugar... mal comparada, raça de preto é como raça de jêgue... (pág. 259).

Criticando seu racismo, o professor Miguel Reale condenou a investida de Darcy contra os brasileiros descendentes de imigrantes — que o antropólogo dizia “que ainda não saíram do fundo do navio em que seus avós vieram...”

Junto com o educador Anísio Teixeira, Darcy planejou a Universidade de Brasília (UnB) com a preocupação de fazer dela a casa da inteligência brasileira — em que se dominaria todo o saber humano, colocado a serviço do desenvolvimento nacional. Mais tarde, como diretor do Museu do Índio no Rio, criou o primeiro curso brasileiro de pós-graduação para formar antropólogos como pesquisadores de campo.